



ARQUITETURA E LITERATURA: O VALOR DOCUMENTAL DAS NARRATIVAS ARCHITECTURE AND LITERATURE: NARRATIVES AS DOCUMENTS

MONTEIRO, Isadora Carraro Tavares (1)

1. Instituto Federal de Minas Gerais. Campus Santa Luzia.
isadora.monteiro@ifmg.edu.br; isa.tavares.monteiro@gmail.com

RESUMO

A construção do urbano e do arquitetônico no meio literário desafia conceitos pré-estabelecidos e cria, através da linguagem, novos signos para se pensar e retratar o espaço. É a partir dessa perspectiva que o artigo aborda a importância do valor documental das narrativas literárias: não apenas como um modo eficaz de registro do real, mas também como uma ferramenta de investigação da relação homem-espaço através do tempo. O objetivo do artigo é analisar o papel da Literatura como fonte de pesquisa histórica para a disciplina da Arquitetura e Urbanismo, averiguando suas limitações e potencialidades, além de alimentar questionamentos que possam guiar o pesquisador em direção a um método para o uso das narrativas como fonte indiciária. Para atingir esse objetivo, são delineados brevemente as bases da relação entre Arquitetura e Literatura no contexto do trabalho e, em seguida, aborda-se a representação do espaço na Literatura, suas particularidades e significações, acompanhada de uma análise sobre a relevância do contexto a partir do qual essa representação foi elaborada; posteriormente, entra-se na questão da documentação da subjetividade e da "arqueologia literária" e, por fim, apresentam-se os estudos de caso que exemplificam a discussão e permitem a continuidade da reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo; Literatura; Pesquisa Socioespacial; Narrativas.

Abstract

The portray of urban and architectural environments in literary works challenges pre-established concepts and creates, through language, new ways to think and represent the space. It is from this perspective that this paper addresses the uses of literary narratives as documents: not only as an effective way of recording the real world, but also as a tool for investigating the relationship between man and space through time. The aim of this paper is to analyze the role of Literature as a source for historical research in the field of Architecture and Urbanism, ascertaining its limitations and potential; also, it intends to pose questions that can guide the researcher towards a method for the use of narratives as Ginzburg's evidence. To achieve this aim, the article briefly outlines the theoretical relationship between Architecture and Literature, and approaches the representation of space in narratives, focusing in its particularities and meanings; subsequently, the concepts of "subjectivity documentation" and "literary archeology" are introduced and, finally, case studies are presented to exemplify the discussion and allow further reflection on the theme.

Keyword: Architecture; Urbanism; Literature; Space; Narratives.

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos campos que se relacionam intimamente com a Arquitetura, a Literatura foi escolhida como recorte para o estudo em questão por uma série de razões: a primeira, e talvez a principal delas, é o fato de haver um caminho de mão dupla muito bem solidificado entre os dois campos, ou seja, ambos, há muito, já se influenciam e se deixam influenciar pelo outro, o que possibilita uma enorme riqueza de referências e material para análise; a segunda, parte do princípio de que a Literatura é a área que se conecta de forma mais visceral com o tema da linguagem; a terceira razão, se refere diretamente ao fato de a Literatura ser uma arte amiga do registro, da documentação, o que cria um montante significativo de material extremamente acessível e rico para análise.

Entre as leituras consideradas "obrigatórias" para um aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo está um dos principais e mais primorosos exemplos dessa relação estreita entre os dois campos: o livro *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino (1990). O texto aborda o tema do ideário de cidade através da narrativa das viagens feitas por Marco Polo e das descrições dadas por ele a Kublai Khan, um imperador que pretende conhecer seu território através dos relatos de seus enviados. A cada cidade descrita, Calvino revela uma sensibilidade aguçada de percepção do espaço e retrata, mesmo que com linguagem literária, diversas peculiaridades do espaço urbano: seus problemas, suas inconsistências, suas maravilhas. O caso de *As Cidades Invisíveis* exemplifica o conceito de obras "arquitetonicamente pensadas" (LIMA, 2008, p.12), ou seja, textos que se encontram à margem ou até mesmo exteriores ao domínio arquitetônico, mas que, apesar disso, podem ser lidos, interpretados e contextualizados em benefício do campo da Arquitetura. Dentro dessa categoria, encontram-se muitos outros textos e autores, como é o caso de Jorge Luis Borges e seus labirintos, J. R. R. Tolkien e as diversas cidades mitológicas de *O Senhor dos Anéis*, João do Rio e suas narrativas da rua, entre outros.

No caminho contrário, onde a Literatura permeia o domínio da Arquitetura e do Urbanismo, encontramos um leque ainda maior de "atuação". Seja com narrativas intrigantes e inspiradoras ou com conceitos teóricos vinculados ao campo da linguagem e da semiótica, a Literatura tem alimentado arquitetos, urbanistas, autores e professores, tanto para o exercício projetual, quanto para a

fundamentação da Teoria da Arquitetura e do Urbanismo e para a descoberta de uma história do campo.

Somado a isso, dispomos também, através dos textos literários, de uma poderosa ferramenta de documentação. A descrição dos espaços na narrativa e a presença das cidades, muitas vezes como personagens, constituem verdadeiros registros sobre as transformações da forma urbana através do tempo e, principalmente, da relação do homem com o espaço. Entre os exemplos citados estão os poemas de Charles Baudelaire, que descrevem a Paris de Haussmann; os romances de Machado de Assis, ambientados no Rio de Janeiro; e a poesia e prosa de Murilo Mendes e Pedro Nava, que narram suas memórias de juventude na cidade de Belo Horizonte e Juiz de Fora.

No entanto, para atingir o objetivo proposto, que é o de analisar o papel da Literatura como fonte de pesquisa histórica para a disciplina da Arquitetura e Urbanismo — averiguando suas limitações e potencialidades — e levantar questionamentos que possam guiar o pesquisador em direção a um método para o uso das narrativas como fonte indiciária, é preciso, previamente, criar o pano de fundo da discussão através de reflexões e conceitos básicos que perpassam o assunto.

REFLEXÕES PRELIMINARES

Para o melhor entendimento das análises que serão desenvolvidas ao longo desse artigo, é preciso, primeiramente, pensar em alguns questionamentos básicos que norteiam a discussão. O primeiro deles seria: quais são os pontos de encontro entre os campos da Arquitetura e Urbanismo e da Literatura? É possível encontrar uma interface que ultrapasse o fato de ambas serem consideradas formas de arte? Para responder essas questões, a autora Maria Tereza Roland ressalta:

Arquitetura e literatura são formas distintas de manifestação artística, que unem a inteligência abstrata e racional à imaginação criadora na produção de obras de valor estético, autônomas e significativas. Apresentam-se, dessa forma, como construções humanas complexas, que envolvem conhecimento, invenção, expressão e produção, e revelam não apenas o universo socio-histórico-cultural em que foram produzidas, mas também um modo particular de encarar (assumir) e exercer a atividade criadora, a qual podemos chamar de projeto poético ou simplesmente poética, que rege o fazer artístico. (ROLAND, 2008, p.12)

A autora destaca, entre as aproximações dos dois campos, que o processo de criação de ambos envolve tanto a inteligência (abstrata e racional) quanto a

imaginação e que o produto final apresenta valor estético, ou seja, tem por objetivo transmitir uma sensação, comunicar um sentimento. Outro ponto interessante de convergência apontado pela autora é a inclusão dos contextos sócio-histórico-culturais em que cada obra foi produzida. Arquitetura e Literatura, mesmo que categorizadas e divididas em centenas de correntes e estilos, inevitavelmente dizem sobre o seu tempo, contam a história de suas sociedades e têm nela impressos os valores culturais do contexto em que foram criadas. Esse aspecto será fortemente explorado em nossas análises, visto que esses contextos foram, muitas vezes, traduzidos simultaneamente em obras literárias e arquitetônicas, o que cria um panorama único para comparação.

Outro conceito que tange ambos os campos e que é fundamental ao estudo do valor documental das narrativas literárias é o de *representação*. A autora Lucrécia Ferrara (1986), em sua obra *Leitura sem Palavras*, aponta que:

Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, do que se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. Dessa presença decorre sua exigência, porque este objeto não pode ser exaurido, visto que todo processo de comunicação é, se não imperfeito, certamente parcial. (FERRARA, 1986, p.7)

Seria possível, então, dizer que o conceito de representação pressupõe um sistema simbólico em que os aspectos do real são expressos e, indo além, que essa representação é invariavelmente ideológica, parcial, por ser baseada na experiência de quem a elabora, por levar consigo o olhar de seu criador. A partir disso, é possível também dizer que o símbolo não diz apenas sobre o real, mas aborda também olhares e concepções que se tem formadas sobre o objeto (BASTOS, 1998).

Diretamente relacionada à representação, está outra característica importante das narrativas: a utilização do espaço como metáfora de condições sociais, culturais e políticas. Bastos (1998) atribui ao romance a capacidade de revelar relações sociais estabelecidas em um determinado momento histórico, valendo-se do espaço. Dentro da própria Literatura brasileira, é possível destacar alguns autores e obras que exemplificam essa questão, como é o caso de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1962), em que o próprio título já revela uma espécie de espacialização das péssimas condições de vida e moradia no Rio de Janeiro, no fim do século XIX; *Morte e Vida*

Severina, de João Cabral de Melo Neto (1986), que apresenta as temerosas condições do imigrante nordestino, narrando a jornada de Severino através do sertão rumo ao litoral; *Capitães de Areia*, de Jorge Amado (1984), um passeio por uma desigual Salvador, visto pela perspectiva de um grupo de meninos de rua; entre outros.

Dentro da própria teoria da Literatura, já é lugar comum afirmar que o surgimento do romance como gênero literário está estreitamente relacionado ao surgimento da cidade (LIMA e FERNANDES, 2000), o que revela uma outra camada na relação entre espaço e narrativa, que extrapola o contexto exposto nas páginas dos livros e toma forma na própria história da Literatura.

Milton Hatoum (2016), em palestra aos alunos do programa de pós-graduação *Geografia, Cidade e Arquitetura*, da Escola da Cidade, conta a história do surgimento do romance, novamente afirmando que o gênero literário está conectado, em sua origem, com o meio urbano: a ascensão da burguesia no século XVIII, a industrialização, o surgimento de relações mais complexas de produção. Ele afirma que o termo em inglês para a palavra romance é *novel* justamente porque os críticos não sabiam ao certo como classificá-lo e, então, atribuíram a ele a alcunha de *novo*.

Sobre a evolução do papel do espaço na Literatura, o autor aponta que os primeiros romances, ainda entorpecidos pela novidade da vida urbana, contavam com narradores menos experientes e, portanto, mais dados às descrições puras dos cenários, usando por vezes uma riqueza de detalhes que compunha a obra, mas não oferecia uma investigação mais profunda da relação da personagem com o lugar. O exemplo utilizado é um trecho de *História da grandeza e decadência de César Birotteau*, de Balzac (1952), onde o protagonista adentra uma casa que é descrita com minúcia pelo narrador.

Com a chegada da modernidade, Hatoum (2016) aponta que o papel do espaço na narrativa se modifica (talvez agora se assemelhando mais ao conceito de *lugar*), pois transcende a descrição e passa a evocar os outros sentidos, além de, por vezes, se tornar metáfora do estado psicológico da personagem, seus sentimentos e sensações. O primeiro exemplo dado por ele é o do romance *Ao Farol*, de Virgínia Woolf (1993), em que a protagonista também adentra uma casa abandonada que, além de ser descrita pelo narrador, também se revela como um espaço “sensível”,

um espaço recipiente de sensações e sentimentos, que causa nas personagens medo, estranheza e que, em última instância, também revela o estado interno da protagonista da cena, sozinha e abandonada: “a casa estava abandonada e deserta. Abandonada como o casco de um animal perdido numa duna, e que se enche de areia depois que a vida se vai” (WOOLF, 1993, p.134).

Manguel e Guadalupe (2003, p. 13), na introdução do seu *Dicionário de lugares imaginários*, diz: “A imaginação salva a realidade do reino inefável dos fantasmas”. O surgimento do urbano traz consigo um outro aspecto que a Literatura não falhou em retratar, ou, ainda mais que isso, a conformar: o imaginário da cidade.

O imaginário urbano pode ser definido como um outro imaginário qualquer: formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo. Poderia também ser dito que o imaginário é uma representação construída sobre a realidade (a cidade, no caso do imaginário urbano), o que coloca o mundo real em uma posição de destaque na construção do conceito (PESAVENTO, 2007). Indo de encontro a essa mesma ideia, podemos citar Ariane Daniela Cole (2008, p. 85), que afirma que “se habitamos uma cidade real, somos habitados por uma cidade ideal, distinta da primeira como a natureza dos fatos distingue-se da natureza do pensamento”. A linguagem refinada e poética da Literatura permite essa arqueologia do imaginário da cidade através dos tempos (LIMA, 2008).

O resultado desse transbordamento só pode ser positivo. Além do evidente ganho para o campo da Literatura, a exteriorização desses lugares imaginários ajuda a criar visão de mundo e alimenta os estudos de diversas áreas com novos olhares e perspectivas (ALVES, 2015). Se as cidades reais são a matéria-prima base para a criação das cidades da imaginação, é possível dizer que os produtos literários podem ser usados como ferramentas importantíssimas de conhecimento e análise do real, como enormes lentes de aumento (às vezes precisa, às vezes distorcida) das nossas concepções sobre as cidades do mundo material (MONTEIRO; OLENDER, 2017).

OBRAS ARQUITETÔNICAMENTE PENSADAS

Com o que desenvolvemos até aqui, já é possível notar que a relação entre a Literatura e a Arquitetura (tomada aqui como os lugares que habitamos) ultrapassa

as simples descrições dos espaços e se torna importante dentro das narrativas para desvelar características dos personagens, influenciar os enredos, reportar sobre os imaginários da cidade desenvolvidos em cada contexto histórico e social e ajudar a significar as metáforas, hipérboles e antíteses desenvolvidas nos livros em relação às cidades.

Esse caráter especial dado à criação do espaço literário ganhou muitos adeptos e passou a ser cada vez mais valorizado nas narrativas ao longo dos anos (PROMPT, 2007). A presença desses “lugares” na Literatura se tornou tão rica e é delineada de tantas formas diferentes que sua análise e observação cuidadosa podem ser consideradas uma nova ferramenta de crítica arquitetônica. Lima (2008, p.12) afirma que essas obras poderiam ser categorizadas como “textos arquitetonicamente pensados”, ou seja, textos que podem ser lidos como se lê uma obra de Arquitetura.

Para explicar essa ideia, Lima (2008) utiliza como exemplo três autores: Gabriel García Márquez, William Faulkner e Marcel Proust. O que aproxima os três é o fato de terem criado lugares que não existem no mundo real, mas que são uma mescla de cidades, paisagens e espaços sensivelmente vivenciados e experimentados por eles. No caso específico de Faulkner, Monique Nathan (1991, p. 16) afirma também que:

Com o correr dos anos ele se refugiou nessa região lendária, nesse espaço mítico que foi a verdadeira morada do seu espírito, a matéria da sua obra, o lugar de suas possessões. Escrevendo, não procurou descrever ou reproduzir o real; quis ‘refazer’ o real, fazendo cada vez mais semelhante ao mundo que trazia dentro de si e do qual desejava libertar-se. Pouco importa que os cartógrafos não o encontrem nos mapas exatamente conforme o original. Trata-se do milagre de uma criação autônoma que não precisa referir-se ao real para sobreviver.

O vínculo desses autores com esses espaços e, mais ainda, o vínculo dos leitores com esses espaços é tão precioso e bem representado em algumas obras que traduz a ideia do imaginário da cidade e enquadra, como uma moldura, as relações de determinada sociedade (ou, ao menos, uma parcela dela) com esses espaços. O estudo através das narrativas procura, portanto, apreender a Arquitetura, assimilá-la, e não apenas aprender sobre ela (LIMA, 2008).

Um dos exemplos bem sucedidos desse tipo de análise é o estudo de Monique Eleb e Anne Debarre (2009), publicado sob o título de *L'invention de l'habitat moderne*, que busca demonstrar e analisar as particularidades das moradias da classe burguesa em Paris, entre os anos de 1880 e 1914, com foco em usos e costumes e

não apenas nas conformações físicas das residências. Para isso, além de utilizarem registros históricos e desenhos arquitetônicos, tomaram como base os romances escritos por Proust e Zola, que revelavam em seus enredos o que não poderia ser lido nos documentos e plantas, como usos e representatividade social de alguns ambientes característicos das casas e apartamentos parisienses.

Isso revela outra característica da representação da Arquitetura nos textos literários: geralmente, por mais que haja uma preocupação com a descrição dos espaços ou introdução desses ambientes construídos nas tramas, a Arquitetura não aparece como uma questão material, física nas narrativas. Salvo raras exceções, como o exemplo de *O Corcunda de Notre Dame*, de Vitor Hugo (2003), que possui descrições extremamente detalhadas do espaço físico e uso de termos técnicos, a Arquitetura aparece como “pano de fundo para a introdução de modos de viver e pensar” (SCHÖTTKER, 2016, p.59), sempre de forma subjetiva.

Dentre os diversos autores que podem ser utilizados para exemplificar o conceito de "obras arquitetonicamente pensadas" e analisar o poder documental desses textos no registro do espaço, da Arquitetura e da relação do homem com seu ambiente urbano, um nome específico se destaca, devido à qualidade literária de sua produção e à familiaridade com os espaços retratados em sua obra: Machado de Assis.

Dentro da Literatura brasileira, muitos autores poderiam ser enquadrados nessa análise, visto que o tema da cidade, em especial, foi vastamente tratado em diversas obras, principalmente com um viés histórico ou de crítica social. A escolha de Machado de Assis, no entanto, não é gratuita. Considerado por muitos como o maior nome da Literatura nacional e eterno apaixonado pelo Rio de Janeiro, Machado deixou registrado em suas páginas um trecho da história da cidade, com suas tramas sempre situadas nas ruas do centro, nas orlas ou no alto dos morros.

Assim como o estilo literário no qual sua obra é encaixada, Machado trará para o estudo da representação do espaço um olhar mais “realista”. Não caberão aqui as metáforas das cidades imaginárias, mas, por outro lado, a ideia do imaginário da cidade pode ser vastamente observada devido à presença de uma cidade real, habitada pelos personagens no âmbito da narrativa e, em alguns momentos, como personagem ela mesma. O vínculo dos enredos de Machado de Assis com o Rio de Janeiro oferece um panorama precioso das mudanças sofridas pela cidade na

transição do Brasil império para o Brasil república, mudanças essas que interferiram não só nas instâncias políticas, mas também no espaço urbano e nas relações sociais.

Diferentemente de Borges, conhecido por suas cidades imaginárias e pelas diversas alusões à cidade de Buenos Aires, que se utiliza de forte carga descritiva ao criar seus espaços literários, Machado de Assis é considerado um escritor sucinto no que diz respeito às descrições das paisagens e dos espaços que permeiam sua narrativa. Chegou a ser recriminado devido à sua “falta de patriotismo” por alguns críticos, já que não exaltava as paisagens exóticas brasileiras e nem apresentava os elementos naturais como o grande trunfo da cidade do Rio em suas obras.

No entanto, no artigo *Machado de Assis, paisagista*, Roger Bastide (2002) apresenta diversos argumentos para justificar a alcunha de paisagista, dada por ele ao autor. A ausência das longas descrições de paisagens naturais abre espaço para outro tipo de representação do espaço, ora urbano, ora natural, mas sempre com uma característica em comum: a continuação da narrativa através da observação do lugar. O espaço surge no texto não como uma quebra ou uma pausa no encadeamento dos pensamentos ou dos fatos para a inserção de uma “imagem”. Pelo contrário, em suas poucas linhas, as descrições trazem também uma nota sobre o estado de espírito do personagem ou uma anunciação do que o espera.

“Divertia-se em olhar para as gaivotas, que faziam grandes giros no ar, ou pairavam em cima d’água, ou avoaçavam somente. O dia estava lindíssimo. Não era só um domingo cristão: era um imenso domingo universal” (ASSIS, 1994, p.52). Trechos singelos como esse funcionam, na obra de Machado, como verdadeiras janelas, que emolduram a mudança no sentimento do homem na cidade, provocada pelas profundas mudanças políticas-sociais. Sobre isso, Bastide (2002, p. 194) também afirma:

(...) depois do isolamento nas casas-grandes, na solidão dos canaviais, cortado apenas pelas visitas de parentes, pela passagem de um hóspede – a experiência da cidade, da comunhão, a descoberta de um novo prazer: a conversa. É evidente que a arte de Machado de Assis corresponde ao desabrochar dessa sociedade urbana, a esse instante de embriaguez após três séculos de patriarcalismo, de encerramento no círculo da família, a essa nova alegria de viver. Não é impunemente que a rua representa nos romances do nosso escritor um papel considerável: é que ela constitui o ponto de ligação das casas, une entre si as salas de visitas, significa o fim do isolamento colonial.

Essa colocação nos leva a outra característica da obra de Machado de Assis: a abundância de adjetivos referentes ao espaço em si é substituída por uma série de observações quase sinestésicas em relação aos sentimentos do personagem, à percepção que ele tem do espaço que o cerca. Pode-se dizer, então, que a representação presente na obra do escritor não é apenas do espaço, é de lugar. Frederico Roza Barcellos (2008), utilizando o conceito de lugar definido por Tuan¹, defende que o espaço literário nas obras de Machado é dotado de valor e sentimento e que as ruas, praças e morros (consideradas apenas espaços, quando fora de contexto) se tornam lugares quando significadas pelos personagens das tramas. Essa visão fica clara no seguinte trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1992, p. 66), que descreve o momento da volta do protagonista de Portugal ao Rio de Janeiro: “Vim. Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as coisas e cenas da meninice, buriladas na memória”.

Através da obra de Machado de Assis, podemos conhecer lugares como o Passeio Público, o morro do Livramento, as ruas do centro da cidade (com destaque para a Rua do Ouvidor), a área litorânea, em especial as praias da Glória e do Flamengo e a enseada de Botafogo. Graças à sua sensibilidade e suas descrições subjetivas, podemos criar imagens desses locais que ultrapassam o efeito de uma fotografia ou quadro, pois estão preenchidas de sentimentos e sensações que transformam esses espaços em lugares, até mesmo para um leitor que vive distante.

VALOR DOCUMENTAL E MÉTODO

A produção de imagem e discurso a partir da cidade e a transformação da experiência urbana em linguagem tem como consequência a produção de um registro cultural que, como já foi dito anteriormente, diz respeito à sociedade e ao momento histórico em que foi produzido. A Literatura, sendo o símbolo maior desse

¹ Barcellos faz um breve resumo do conceito de lugar desenvolvido por Tuan, explicando-o como “núcleos de valor, [que] só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente, e relações externas próprias do turista. O lugar torna-se realidade a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando ser definido através de uma imagem precisa, limitada. Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar.” (BARCELLOS, 2008, p.48)

registro, se torna um documento, um instrumento chave para abrir portas para o passado e ter acesso a informações sobre a história das cidades.

Esse papel da Literatura, apesar de permanecer extremamente atual no mundo contemporâneo, tem raízes remotas, anteriores aos meios de comunicação de massa, em um período em que as notícias, ideias e reflexões sobre a cidade eram registrados nas páginas dos livros e que as características sociais, políticas e econômicas da ocupação dos meios urbanos eram debatidas nos salões literários (LIMA, 2008).

Devemos olhar para essa questão a partir de uma ótica dupla: por um lado, podemos considerar que a história influencia a Literatura. Os fatos históricos se misturam aos elementos da narrativa e são traduzidos para a linguagem literária em forma de cenários, personagens, *backgrounds* dos enredos, temas de diálogos, etc, e, dessa forma, acabam transcrevendo também a identidade de um recorte espaço-temporal, integrando-a ao imaginário ficcional. A Literatura passa a colaborar, assim, para a “construção de perfis humanos, a essência de seu povo, seus anseios, costumes e hábitos, a vida de um povo [...]” (MENEZES, 2009, p.61), além de relatar características do meio, como a paisagem urbana e o patrimônio físico.

Analisar uma história, deleitar-se nos detalhes de um conto ou passear por um bom livro pode, então, ser comparado a um exercício de arqueologia. Quando olhamos para uma cidade através dos olhos de um autor, estamos removendo a terra que se acumulou sobre as ruas, as igrejas, as praças, as casas, mas, principalmente, a terra que cobriu os costumes, as crenças, atividades e ideias, ou seja, modos de vida.

O outro lado, no entanto, revela um caminho inverso: da mesma forma que a história influencia a Literatura, podemos dizer que a Literatura também influencia a história. Juliana Santos Menezes, ao analisar o patrimônio cultural da cidade de Ilhéus a partir das obras do baiano Jorge Amado, chega à conclusão de que não foi só Ilhéus que influenciou a obra do autor, mas o caráter documental da obra do autor também exerceu um forte papel no reconhecimento da cidade em todo o mundo, o que alterou os rumos de seu turismo e comércio (entre outros aspectos). O registro feito por Jorge Amado atingiu tal dimensão que é possível dizer que suas histórias influenciaram a história da cidade de Ilhéus e, ainda mais, da Bahia.

A Literatura faz parte também de uma grande mudança na forma de estudar e investigar a Arquitetura. Como parte de um movimento que começa até mesmo antes de Benjamim, a análise do espaço através de textos veio atrelada ao crescimento da importância da Literatura e da Filosofia (campos majoritariamente textuais). Analisar uma obra era mais fácil através das imagens e textos disponíveis nos livros, que são de fácil acesso, do que em casas e cidades que precisam ser achadas em mapas e visitadas a quilômetros de distância e que, mesmo quando encontradas, permitem análises isoladas, sem o poder de síntese e comparação que se tem no âmbito dos estudos da cultura (SCHÖTTKER, 2016).

No entanto, essa outra forma de estudar e investigar a Arquitetura exige também um outro método. Olhar para um material rico em subjetividades e imparcialidades a partir de um paradigma científico tradicional não geraria muitos frutos ou, o que é pior, produziria falsas simetrias e conclusões pouco proveitosas. Para repensar uma metodologia de análise dessas fontes, sugiro recorrer, então, ao método estudado por Ginzburg (1989), no livro *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História: o paradigma indiciário*.

Para introduzir sua ideia principal, Ginzburg lança mão de exemplos no campo da Arte, da Medicina e da Literatura, e utiliza a metáfora da caça como forma de estabelecer uma relação entre as formas de investigação e os procedimentos utilizados em cada caso. O objetivo é demonstrar a importância do indício, das pistas (aparentemente insignificantes) na construção de narrativas históricas.

Sobre o conhecimento venatório, relativo à caça e seu universo, apontado como uma espécie de gênese do paradigma indiciário, o autor ressalta:

O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador de modo tal a dar lugar a uma sequência narrativa, cuja formulação mais simples poderia ser "alguém passou por lá". Talvez a própria ideia de narração (...) tenha nascido pela primeira vez em uma sociedade de caçadores, a partir da experiência da decifração das pistas. (GINZBURG, 1989, p.152)

A atenção às pistas, "o faro, o golpe de vista, [a] intuição" (GINZBURG, 1989, p.179) se mostram necessárias na criação da narrativa. Sendo o contexto literário uma "narrativa pronta", o método do pesquisador se torna quase metalinguístico, ou, então, um reverso da atividade do caçador: através da narrativa oferecida, é preciso

encontrar as pistas e os indícios que ajudarão a desvelar o caráter espacial e o imaginário urbano que servem de pano de fundo para a narração em questão.

O método indiciário se revela potente para as investigações que têm as narrativas literárias como fontes documentais, no campo da arquitetura e do urbanismo, por não negar a presença do pesquisador, e, mais que isso, tirar partido dessa parcialidade, dessa não-neutralidade, que costuma ser interpretada como uma falta de rigor, quando analisada a partir dos parâmetros científicos modernos. Analisar o valor documental das narrativas literárias a partir de um saber localizado, que não se pretende neutro e que adota a própria narrativa como método, é um caminho possível para que os resultados das análises consigam acessar o valor subjetivo do registro literário e não manipulem apenas um resíduo factual, desprovido das camadas mais importante da contribuição literária para a produção dos espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja como instrumento de conhecimento de uma arquitetura ou de uma cidade, seja como um registro real que auxilia na propagação e no entendimento de um povo e de uma cultura, a Literatura é uma ferramenta preciosa para os arquitetos, por conter em suas histórias informações e impressões sobre um lugar e documentarem, de forma subjetiva, detalhes que auxiliam na produção de um conhecimento espacial mais aberto e mais atravessado por outras epistemologias.

Ao contrário do que se possa pensar, essa subjetividade, que é uma das características mais latentes do fazer literário, não deve ser considerada um "ponto fraco" do uso da fonte literária como documento, conclusão à qual geralmente se chega quando tenta-se analisar a fonte a partir da ótica do fato científico, que, na narrativa hegemônica das ciências, é neutro e impessoal por definição. Para uma metodologia mais acertada de análise dessas fontes, propõe-se como um método possível a abordagem de Ginzburg (1989) e seu paradigma indiciário, um método que aceita a incerteza e as "pistas" e confia na importância do "faro, golpe de vista, intuição" (GINZBURG, 1989, p.179).

As narrativas literárias estabelecem relações com o real que, muitas vezes, escapam às fontes convencionais. Seja de forma metafórica, hiperbólica ou antitética, suas descrições e construções de cenários e de relações entre homem e espaço têm sido

fonte riquíssima de conhecimento, além de auxiliarem de forma diferenciada na construção de uma episteme espacial no campo da Arquitetura e do Urbanismo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luiz Roberto. A cidade invisível, de Calvino: os modos de organizar e visibilizar o vivível. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 327-340, 2015.
- AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- ASSIS, Machado de. **Várias Histórias**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Martins, 1962.
- BALZAC, Honoré de. **História da grandeza e da decadência de César Birotteau**. Porto Alegre: Globo, 1952.
- BARCELLOS, F.R. Espaço, Lugar e Literatura – O Olhar Geográfico Machadiano sobre a Cidade do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 25, p.41-52, 2008.
- BASTIDE, Roger. Machado de Assis, paisagista. **Revista da USP**, n. 56, p.192-202, dez.-fev. 2002-2003.
- BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e Literatura: Algumas Reflexões Teóricas. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, nº 5, p. 55-66, 1998.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- COLE, Ariane Daniela. A cidade em processo. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, n. 22, p. 82-92, 2008.
- ELEB, Monique; DEBARRE, Anne. **L'invention de l'habitat moderne**. Paris: A.A.M./Hazan, 2000.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leituras sem Palavras**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HATOUM, Milton. **Espaço e Literatura**. São Paulo: Escola da Cidade, 01 abr. 2016. Palestra ministrada aos alunos da Escola da Cidade no módulo de estudos sobre Manaus. Disponível em: < <http://escoladacidade.org/bau/milton-hatoum-espaco-e-literatura/>>. Acesso em 20 maio 2021.
- HUGO, Victor. **O corcunda de Notre Dame**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria. **Arquitetura Revista**, v. 4, n. 2, p. 8-16, 2008.
- LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs.). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora UnB, 2000.
- MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.
- MENEZES, Juliana Santos. O patrimônio cultural da cidade de Ilhéus à luz da literatura de Jorge Amado. **CULTUR**, Santa Cruz, ano 03, n.03, p.51-67, 2009.
- MONTEIRO, Isadora C. T.; OLENDER, Mônica C. H. L. Cartografias Poéticas: a Literatura na construção do imaginário da cidade. In: A língua que Habitamos, 4., 2017. Belo Horizonte. **Anais...** Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2017, p. 194-204.
- NATHAN, Monique. **Faulkner**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.
- NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

PROMPT, Luzi Lene Flores. **A representação do espaço no romance urbano de Erico Verissimo:** Caminhos cruzados, Noite, O prisioneiro e Incidente em Antares. 173 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROLAND, Maria Tereza de França. **A casa:** estreitos laços entre literatura e arquitetura. 2008. 159 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103576>>. Acesso em: 20 maio 2021.

SCHÖTTKER, Detlev. Arquitetura como literatura—história e teoria de um dispositivo estético. **Revista Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 52-74, 2016.

WOOLF, Virginia. **Ao Farol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.